

## O novo ano

A passagem de ano no ano 2000 teve um significado todo especial. Além da passagem do ano em si, estamos também passando de um milênio para outro.

A passagem de ano nas grandes cidades costuma ser ruidosa e banhada em álcool. Em muitos lugares ouvem-se fogos, sirenes, buzinas, euforia e o tilintar das taças de champanhe.

Das janelas dos edifícios são lançados ao vento os papéis picados pelos escritórios, como numa tentativa de ver também os problemas financeiros, sociais e emocionais serem extintos, trazendo paz para o ano vindouro.

Um sentimento momentâneo de otimismo parece tomar conta da população. O faminto conta com mais pão, o doente com o restabelecimento da saúde, o pobre com melhores dias, o agricultor com uma melhor colheita e o comerciante com a prosperidade de seu negócio.

Os supersticiosos vão ao mar pular as “sete ondinhas” e outros vestem-se de branco para terem maior sorte no ano vindouro.

Quantos “anos novos” já se têm festejado, porém agora cabe a pergunta: “O primeiro de janeiro tem sido diferente do trinta e um de dezembro?”, ou perdem-se como os demais dias no amontoado monótono do ano-após-ano?

Fala-se muito de “ano novo, vida nova”, mas logo chega o mês de fevereiro, depois março, abril e assim por diante. De repente, o ano vai se tornando velho e aquela perspectiva de “vida nova” cai por terra, voltando-se à realidade que havia em dezembro do ano passado.

Alguns cristãos fazem votos de fidelidade e maior compromisso com o reino de Deus durante a passagem de ano, mas diante das adversidades, muitas aspirações tornam-se em desilusões. Os votos são esquecidos, os planos são frustrados e lá se vai mais um ano com as suas esperanças embora.

O novo ano que entra acaba tornando-se assim mais um “velho Ano Novo”. Passam-se os anos, os séculos e até milênios, como recentemente, mas as mudanças das pessoas são apenas superficiais e exteriores.

Na parábola da figueira estéril de Lucas capítulo 13, versos 6 a 9, Jesus aparece como aquele que disse: “Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho”. Pode-se assim avaliar a paciência de Jesus, procurando a cada ano os frutos produzidos pelos seus servos e não os achando.

Na mesma parábola lemos que o vinhateiro sugeriu ao dono da vinha: “Senhor, deixa-a ainda este ano” e assim aconteceu. Isto significa que a cada ano a misericórdia e longanimidade de Deus têm sido exercitadas diante da esterilidade e descaso de muitos servos seus.

Que essa paciência, contudo, não confunda aqueles que, achando que sempre terão uma nova oportunidade, permanecem indiferentes aos votos e disposições do dia 31 de dezembro passado.

Na passagem do ano, estaremos diante de 365 dias inéditos. O virar da folha do calendário, indicando o princípio de um Ano Novo, abre diante de nós a oportunidade de examinarmos as nossas vidas e refletirmos sobre o modo como usamos o nosso tempo no ano findo.

A corrupção da sociedade contemporânea não é desculpa para indiferenças e omissões, mas é antes um motivo para maior zelo e santificação dos verdadeiros cristãos.

Que para o prezado leitor, o novo ano não venha a se tornar apenas mais um “Ano Novo”, mas um ano de muitas bênçãos e frutos para o reino de Deus.

Afinal, pode ser este o ano em que Jesus há de vir para sua Igreja, da mesma forma como o dono da vinha veio em certa ocasião buscar o fruto esperado de sua figueira.

Oswaldo Carvalho